

Desafios – Comportamentos de Risco na Adolescência*

POR
LUÍS CANAVARRO⁽¹⁾

Pede-me o meu distinto colega e amigo, Prof. Dr. Carlos Saraiva que analise as relações entre **desafio, risco e suicídio**, nos adolescentes:

De facto, as duas palavras iniciais, DESAFIO e RISCO, se bem que diversas na sua hermenêutica, têm conteúdos semânticos próximos. DESAFIO pressupõe uma autonomização e uma recompensa social, ao passo que o RISCO pode, liminarmente, ser gratuito. Não deixam, ainda assim, ambos, de ter uma conotação vital, nada permitindo estabelecer relacionamento com o terceiro termo, o SUICÍDIO.

Este último, se bem que factualmente ligado aos dois primeiros tem um conteúdo eminentemente patológico, ao passo que o RISCO e ainda mais o DESAFIO, excluindo as situações extremas, fazem parte do quadro normal de desenvolvimento e autonomização.

O Risco, nos adolescentes, percorre a história humana de uma forma longitudinal coerente e contínua, superior mesmo à de constructos tão universais como a noção da família ou do clã, o sentido da propriedade ou da posse, ou o conceito de divindade.

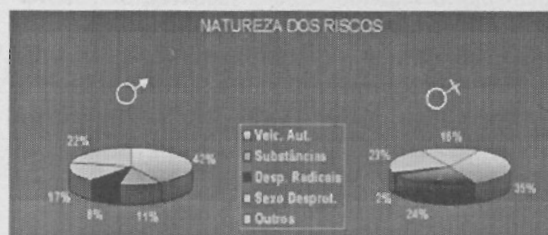
Apenas no parâmetro *género*, as variações são notáveis, quer num corte longitudinal da história, quer num corte transversal da civilização. Globalmente, as raparigas são sempre menos propensas ao risco que os rapazes, mas as diferenças são tão notáveis que tornam qualquer sistemática aleatória.

Se observarmos num mapa mundo uma representação esquemática da participação rapazes/raparigas no fenómeno RISCO, constatamos que a variável dominante se liga, sobretudo, ao contexto religioso-cultural...



Actividades de risco tradicionais e praticadas em grupo não têm significado em termos de suicídio e para-suicídio. Ao contrário, actos isolados e a originalidade correlacionam-se fortemente com ambos. O *gradiente de risco* é uma variável irregular que não tem directamente a ver com o suicídio mas apenas com a ocorrência efectiva de morte...

Quanto à natureza dos riscos corridos, uma diferença de género esboça-se de imediato.



Ela é constante e universal, pelo menos analisando os países desenvolvidos.

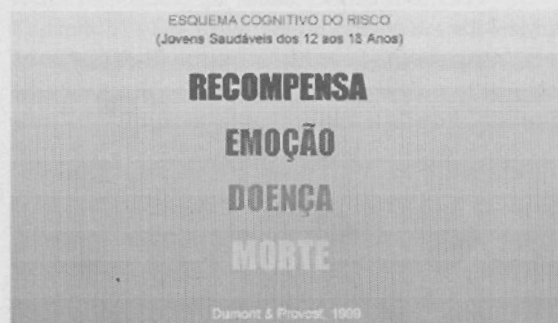
⁽¹⁾ Psiquiatra dos HUC

* O presente trabalho foi apresentado verbalmente nas 3.^{as} Jornadas de Comportamentos Suicidários, que decorreram no Luso, em Outubro de 2000. Por se tratar de uma apresentação baseada essencialmente em meios visuais, não é possível transformá-la num texto, por si só, elucidativo. Daí o aspecto sui-generis e o excesso de esquemas gráficos.

Ao passo que comparando os riscos dos adolescentes portugueses com os americanos, por exemplo, verificam-se diferenças evidentes, na maioria ligadas á vertente cultural.

Países há, no entanto em que o RISCO é cultivado como parte indissociável do desenvolvimento e autonomização do jovem, geralmente em relação inversa com o nível socio-cultural.

Valerá a pena analisar o modo como o jovem percebe o risco e as suas consequências...

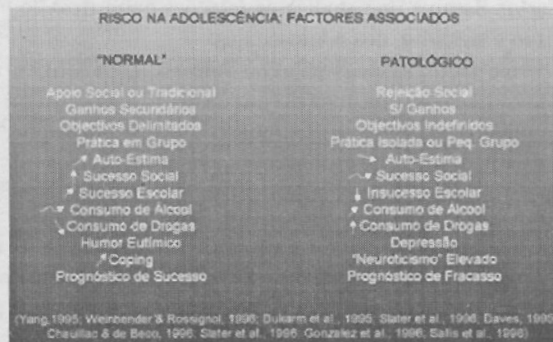


De uma forma cognitivamente obliterada, jovens, principalmente de poucos recursos intelectuais e sociais, podem inferir consequências totalmente irrealistas em relação a actividades de risco, esquecendo ou menosprezando os dois últimos factores e sobrevalorizando os primeiros. Esta associação de poucos recursos intelectuais com a propensão a avaliar mal os riscos é bem conhecida de todas as companhias de seguros.

À parte certas culturas e religiões, no limiar do fanatismo, o binómio RISCO-saudável, SUICÍDIO-

Patológico é também universal. No entanto, um factor de aprendizagem, ligado aos países mais desenvolvidos tecnologicamente, modula e subverte completamente as circunstâncias, de tal modo que um comportamento banal para um jovem de um país desenvolvido, pode parecer suicidário para um terceiro-mundista e vice-versa. A globalização atenuará, eventualmente esta situação, mas o facto é que tal ainda não aconteceu de forma notável.

A fim de apreciar, por alto, os esquemas cognitivos dos jovens em relação ao risco e ás suas possíveis consequências, formei uma amostra homogeneizada quanto ao nível cultural e quanto á situação socio-



económica e perguntei-lhes: *Já colocou deliberadamente a sua vida em risco?*... Eis o esquema gráfico dos resultados:

Conclusões: O risco, na adolescência terá de ser considerado um comportamento normal. De facto, a sua falta é mais patológica do que o seu excesso. Apenas a faixa estreita da intenção (suicidária) deverá ser objecto de tratamento psiquiátrico adequado.